



Omar Catunda: venturas e desventuras de um passador cultural

Omar Catunda: fortunes and misfortunes of a cultural dowel

Omar Catunda: les joies et les peines d'un voyageur culturelle

Eliene Barbosa Lima*

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

Resumo

Neste artigo, sem nenhuma pretensão biográfica, faço uma análise de alguns elementos que influenciaram o pensamento e as ações de Omar Catunda para desenvolver um sistema educacional capaz de elevar a cultura do povo brasileiro, vista por ele, como o único instrumento seguro para transformar o Brasil em uma nação completamente independente, na medida em que alcançaria o progresso material e o espiritual. Para tanto, utilizo majoritariamente a sua autobiografia. Essa análise tem como demarcação inicial a Revolução de 1930, ajuizada pelo jovem Catunda como um marco para a construção de uma nação rumo ao progresso, prolongando-se

* EBL: Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências, e-mail: elienebarbosalima@gmail.com

até 1986, ano da sua morte. Argumento que Catunda buscou semear a alta cultura por meio da educação, mas, ao beber de uma cultura estrangeira, foi estrangeiro em seu próprio país.

Palavras-chave: Matemática. História. Omar Catunda. Cultura. Educação.

Abstract

In this article, without any biographical intent, I do an analysis of some elements that influenced the thinking and actions of Omar Catunda to develop an educational system capable of raising the culture of the Brazilian people. For him the only sure instrument to turn Brazil into a fully independent nation, in that it would achieve material progress and spiritual. For this, I use mostly his autobiography. This analysis has as initial cut the 1930 Revolution, understood by young Catunda as a landmark for the construction of a nation towards progress and continuing until 1986, the year of his death. I argument that Catunda did sought to sow the high culture through education, but while drinking from a foreign culture, was foreign in their own country.

Keywords: Mathematics. History. Omar Catunda. Culture. Education.

Résumé

Dans cet article, nous avons aucun prétexte biographique. Nous faisons une analyse de certains éléments qui ont influencé la pensée et les actions de Omar Catunda de développer un système éducatif capable d'élever la culture du peuple brésilien, vu par lui comme le seul outil fiable pour transformer le Brésil en une nation entièrement indépendante, avec le progrès matériel et spirituel. A cet effet, nous utilisons principalement son autobiographie. Cette analyse a pour marquage initial de la révolution de 1930, apporté par le jeune Catunda comme un jalon pour la construction d'une nation vers le progrès, et il étend jusqu'en 1986, l'année de sa mort. Nous défendons l'argument selon lequel Catunda cherché à semer la culture élevé par l'éducation, mais tout en buvant d'une culture étrangère, il était donc étranger dans leur propre pays.

Mots-clés: Mathématiques. Histoire. Omar Catunda. Culture. Éducation.

Introdução

Omar Catunda estava em São Vicente, cidade do litoral de São Paulo. Caminhava sozinho e calmamente pela praia. Saía da Ilha Porchat. Como gostava e costumava fazer, retornava a pé para Santos, município vizinho, também sua cidade natal, onde passava alguns dias, depois de uma ausência de muitos anos. A distância não é muito curta, cerca de sete quilômetros percorridos em pouco mais de uma hora e meia andando. Naquele dia, particularmente, Catunda estava nostálgico.

Não era um dia comum, era um dia de *noroeste*. Um vento quente e seco, que vinha “[...] das bandas de Mato Grosso e que, saltando a Serra do Mar, chega à planície com fúria, levantando poeira, fazendo rodopiar folhas secas [...] pondo em estado de depressão as pessoas mais sensíveis”. Sob este estado, Omar Catunda pôs-se a caminhar pela areia da Ilha Porchat, quando sentiu um “[...] estranho pressentimento [...]”, que o levou forçadamente a olhar para trás. Em sua direção, vinha valentemente um rapaziinho trajando roupas muito quentes para um dia tão ensolarado. Nas mãos, um livro. A aproximação do rapaz estremeceu peremptoriamente Omar Catunda. E não podia ser de outra maneira. Ao chegar mais perto, o rapaz despertou em Catunda “[...] recordações de tempos idos, fato que a princípio [...] não soube explicar.” (CATUNDA, *Vento Noroeste*, [197-?], p. 54)¹.

Resolveu então iniciar um diálogo: “Olá, rapaz, você não sente calor, vestido dessa maneira?” — Perguntou Catunda. “Eu gosto”, respondeu rispidamente o rapaz. Catunda insiste e caminhando lado a lado do rapaz, pede: “— Mas ao menos ande mais devagar”. Com um leve sorriso nos lábios, quase sarcástico, o rapaz questiona: “— O senhor não consegue acompanhar o meu passo?”. Instaura-se um mal estar em Catunda, afinal não gostou da referência a sua idade. Nos instantes seguintes, se abriu um silêncio. No seu íntimo, Omar Catunda sabia que o rapaz estava certo: já tinha cerca de quarenta anos, enfim, já era um homem de

¹ Contido em um rascunho, não publicado, de sua memória autobiográfica. Infelizmente não consegui localizar a edição do *Jornal A Tarde* em que foi publicado esse artigo.

meia idade. Isto, no entanto, não o impediu que continuasse: “— Você é estudante?” “— Sim”, pronunciou o rapaz, em mais uma resposta monossilábica. Então, “[...] que carreira pretende seguir?”. Desta vez não foi simples responder. O rapaz hesitou um pouco, refletiu e disse com firmeza: “— Eu gosto de matemática, por isso [sic] vou estudar engenharia”. Essas palavras tocaram profundamente Omar Catunda. Se no início não entendeu porque o rapaz provocou-lhe profundas recordações, naquele instante, finalmente, conseguiu ter clareza. O rapaz lembrava o seu próprio passado. Ao descobrir o seu gosto pela matemática, após terminar o curso primário, em 1917, também optou por fazer engenharia, visto que antes da década de 1930, no Brasil, não havia uma escola de nível superior específica para formação em matemática. Catunda fez uma curta pausa para, depois, melancolicamente, encerrar a conversa dizendo: “— E pretende ser engenheiro e construir estradas, pontes...” (CATUNDA, *Vento Noroeste*, [197-?], p. 54).

Era o ano de 1947, período pós II Guerra Mundial, quando Omar Catunda fez esse conto autobiográfico. Fazia um estágio de um ano, nos Estados Unidos, por meio de uma bolsa de estudos fornecida pela Fundação Rockefeller. Estava, portanto, em outro ambiente, em outra cultura, cercado de jovens e talentosos matemáticos, que tiveram uma trajetória profissional muito diferente da sua. Premido pela saudade de sua terra, mas provavelmente também devido a essa atmosfera, fez um balanço de sua vida para expor “[...] algumas fases marcantes de minha carreira, que sempre vivi com muito espírito crítico”. (CATUNDA, *Interlúdio II*, [197-?], p. 53)². Escreveu Catunda em sua autobiografia, possivelmente com mais de 70 anos.

No entanto, Omar Catunda, sem maiores explicações, protelou a publicação desse conto, e para completar, perdeu o manuscrito original. Somente muitos anos depois, já residindo em Salvador, capital baiana, decidiu reescrevê-lo (CATUNDA, *Interlúdio II*, [197-?], p. 53), por certo, ainda que não faça nenhuma menção neste sentido, trazendo algumas

² Contido em um rascunho, não publicado, de sua memória autobiográfica.

modificações e alterações. Era praticamente impossível Catunda se lembrar das mesmas palavras e não ser influenciado pelos muitos anos vividos após o ano de 1947. Afinal, foi somente em 1976, um pouco antes de sua aposentaria compulsória da Universidade Federal da Bahia, que o conto foi reescrito e publicado na página literária do *Jornal A Tarde*, numa clara alusão a sua própria história de vida profissional (CATUNDA, *Interlúdio II*, [197-?]). Não é raro que, no decorrer dos anos, conscientemente ou não, na medida em que envelhecemos tendemos a reinterpretar a nossa vida, principalmente a nossa memória referente aos eventos importantes, como se ela tivesse acontecido sempre numa ordem cronológica, sem sobressaltos, dilemas ou dúvidas, ou ainda que tivesse ocorrido sempre com um objetivo predefinido (PALLARES-BURKE, 2005).

Com Omar Catunda não foi diferente, ao longo de sua vida, muitas das suas certezas e convicções profissionais, sociais e políticas foram modificadas e até mesmo fomentadas não apenas devido ao seu amadurecimento intelectual, mas também em virtude da formação de uma nova realidade brasileira na qual ele fazia parte e ajudou a construir. Contudo, se manteve devotado à sua ideologia de que somente com o desenvolvimento do sistema educacional brasileiro seria possível elevar o nível cultural do povo.

Omar Catunda (1906-1986) se formou em engenharia pela Escola Politécnica de São Paulo, em 1930. Exerceu essa profissão apenas até o ano de 1934, quando aceitou o cargo de assistente da Cadeira de Análise Matemática da Sub-seção das Ciências Matemáticas da recém-criada Universidade de São Paulo (USP) e a sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL)³. Dava-se, então, o início da carreira matemática de Omar Catunda, tal como deslumbrou na mocidade ao aflorar o seu gosto pela matemática. Uma carreira que seguiu até os últimos anos de sua vida. Nesse período, foi um observador, coadjuvante e protagonista das várias facetas e transformações ocorridas na Universidade, em particular, e, em geral, no Brasil. Um universo marcado por profundas mudanças

³ Mais informações, veja: (LIMA, 2006).

políticas, econômicas e sociais, repercutidas decisivamente em sua personalidade humanística, militância política⁴ e em seu posicionamento social, principalmente acerca da educação vigente.

Omar Catunda, com o passar dos anos se tornou um fervoroso ativista pela constituição de um eficaz sistema educacional, em especial, o ensino superior, para elevar o nível cultural do povo brasileiro. A construção de uma “alta” cultura, para Catunda, era determinante para o sucesso das ações praticadas pelo povo brasileiro, particularmente daqueles que controlavam os rumos do desenvolvimento do Brasil, quer seja no campo político, econômico ou social.

Todavia, para o próprio Catunda, definir cultura não era algo simples. Julgava “[...] que a própria complexidade do conceito repele uma definição de caráter científico.” Além disso, acreditava “[...] que só pode ter uma idéia clara aquêle que tem essa cultura [...]”. Constatação que o levou a desistir “[...] da pretensão de dar essa idéia [...]”, visto que reconhecia nele “[...] certas lacunas lamentáveis [...]” (1945, p. 124). Esse fato não o inibiu de esquematizar, no seu modo de ver, as características que um homem deveria ter para ser considerado culto diante do estado de civilização que era apresentado naquele momento, isto é, década de 1940. Assim, sentenciou:

Só se pode dizer de um homem que êle é culto quando tem:

- 1) Um conhecimento bastante completo e um domínio efetivo do idioma que deve usar na vida, devendo êsse conhecimento compreender um estudo profundo das origens e da evolução, assim como da estrutura da linguagem comum, atual, do povo.
- 2) Um desenvolvimento bastante grande da faculdade de raciocínio puro e abstrato e da intuição espacial, e ao menos um conhecimento elementar dos algoritmos da Matemática.
- 3) Um suficiente conhecimento de Geografia e Cosmografia para ter uma idéia da sua situação no Universo e também da posição que ocupa seu país entre as nações civilizadas, assim como um

⁴ Trata-se de um aspecto da vida de Omar Catunda que pretendo ainda analisar em um artigo futuro.

suficiente conhecimento de História Universal para se compenetrar da importância relativa que pode ter sua época dentro dessa História.

- 4) Uma idéia geral, com possível exclusão da parte técnica e da terminologia especializada, da estrutura do mundo físico e do estado atual das Ciências Puras: Física, Química, História Natural.
- 5) Um conhecimento, quanto possível completo, da história do pensamento humano, isto é, dos mais importantes sistemas filosóficos e das grandes obras da literatura; e finalmente, condição que eu julgo quase conseqüência das anteriores;
- 6) Um gosto artístico mais ou menos apurado, hábito de leitura e interesse pela música e pelas belas artes (CATUNDA, 1945, p. 124).

Assim, neste artigo, sem nenhuma pretensão biográfica, faço uma análise de alguns elementos que influenciaram o pensamento e as ações de Omar Catunda para desenvolver um sistema educacional capaz de elevar a cultura do povo brasileiro, a qual era vista por ele, como o único instrumento seguro para transformar o Brasil em uma nação completamente independente, na medida em que alcançaria o progresso material e o espiritual. Esta análise tem como demarcação inicial a Revolução de 1930, ajuizada pelo jovem Catunda como um marco para a construção de uma nação rumo ao progresso, se prolongando até 1986, ano da sua morte. Para tanto, abordamos historicamente alguns aspectos das diferentes fases de sua vida profissional e pessoal.

Discurso de formatura: sonhos, ilusões e realidade

Parecia-lhe improvável ser escolhido para ser o orador da turma de formandos de Engenharia Civil da Escola Politécnica de São Paulo de 1930, mas no ímpeto de estranheza e convencimento, aceitou o papel de que fora incumbido. Na sua síntese:

Eu tenho consciência de que me faltam dotes imprescindíveis para fazer um bom orador. [...] sei que careço do entusiasmo capaz de empolgar

um auditório. E ao verificar, com surpresa, que na votação que fizemos o meu nome era vencedor, tão longe de mim estava a ideia de ser eu o escolhido, que pensei em recusar formalmente; mas reconheci depois que eu estava no dever de fazer jus à boa opinião que de mim faziam os colegas. Resolvi esforçar-me, acreditando, com um pouco de convencimento e boa vontade, que de todo não me faltava competência. Suprirei as falhas dando a esta breve oração o tom de uma absoluta sinceridade (CATUNDA, *Discurso de formatura*, [197-?], p. 14)⁵.

Impetuoso e idealista, o jovem Omar Catunda, no seu discurso, se mostrou preocupado. Primeiro com o ensino da Escola Politécnica de São Paulo. Audacioso, propõe à direção que os alunos fossem convidados a participar da organização dos programas e da distribuição das cadeiras, algo que muitos dos professores, espontaneamente, já faziam. Amistosamente, argumentou:

Sentimos melhor que ninguém onde estão as falhas de programas, a extensão exagerada de alguns, a falta de unidade entre as diversas matérias creio firmemente que a Escola muito lucrará se na próxima reorganização chamar para prestar o seu depoimento, representantes do Corpo discente (CATUNDA, *Discurso de formatura*, [197-?], p. 15).

Depois, com a realidade a ser enfrentada, insatisfeito com o horizonte da ciência, o jovem Catunda buscou obter a sua formação imbricada com o estudo do meio. Assim, juntamente com a sua ansiedade em aprender aquilo que iria aplicar posteriormente, o jovem Catunda se deparou com um Brasil muito longe de seu imaginário de “[...] pátria bela, grande e forte [...]” (CATUNDA, *Discurso de formatura*, [197-?], p. 14). Consternado, Catunda descreveu um Brasil pouco conhecido, constituído por um povo atrasado e pobre, desprovido do espírito de nacionalidade, com uma indústria, a não ser em casos isolados, que satisfizesse os interesses da coletividade e com uma lavoura que não o justificava como um país essencialmente agrícola. Não obstante, ao mesmo tempo no qual a narrava o seu desencantamento com a realidade brasileira, o seu espírito

⁵ Contido em um rascunho, não publicado, de sua memória autobiográfica.

enchia-se de esperança e sonhos com a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Dorneles Vargas (1882-1954), a qual assinalava o fim da Primeira República e da sua “política café com leite”⁶. Para o autor, um regime marcado por uma “depressão moral”, manifestada mais intensamente entre aqueles que tomaram para si a responsabilidade de governar o Brasil (CATUNDA, *Discurso de formatura*, [197-?], p. 16).

Influenciado pela concepção de moral aprendida na escola primária e, mais tarde, na leitura de livros como os de José Ingenieros (1877-1925)⁷, os quais ajudaram a construir a sua visão de mundo ideal, com fortes traços de radicalismo, o jovem Catunda reconheceu em seu discurso, o Brasil vivendo em uma época de decadência, que, segundo ele, apoiado no próprio José Ingenieros, era “ [...] caracterizada pelo reinado da mediocracia.” (CATUNDA, *Discurso de formatura*, [197-?], p. 16). Naquela conjuntura, a Revolução de Vargas, para esse jovem Catunda, representava o fim de um Brasil constituído por um povo subserviente e indiferente aos seus problemas, para um cenário de construção de uma nação rumo ao progresso. Expectativa que foi endossada ao ver esse mesmo povo “[...] na maior explosão de alegria e de civismo [...] erguendo vivas ao Brasil, afirmando por toda parte que nós somos uma pátria e não uma mera expressão geográfica.” (CATUNDA, *Discurso de formatura*, [197-?], p. 16). Tomado por essa euforia, Catunda convocou a juventude brasileira para participar desse momento. Sintetizou: “Avante: para a construção de um Brasil melhor e que não nos seja empecilho a triste recordação de um passado morto” (CATUNDA, *Discurso de formatura*, [197-?], p. 17).

⁶ Mais informações, ver: (BORIS, 1996, 1997).

⁷ Nasceu em Palermo, na Itália. Sua família imigrou para a Argentina quando era ainda uma criança. De orientação esquerdista e militante do Partido Socialista, se formou em medicina, em 1900, seguindo seus estudos no campo da psiquiatria. Preocupado com a construção da identidade nacional da Argentina, enfim, com a evolução de sua sociedade, José Ingenieros publicou várias obras recorrendo às teorias científicas, como o biologismo e o evolucionismo e do positivismo. Mais detalhes, veja: (GREJO, 2009).

Revolução de 1930: uma falta imperdoável

Com o olhar distanciado do seu discurso, vivido e marcado pelas lembranças do real acontecido após a Revolução de 1930, Catunda, já mais idoso, afirmou categoricamente em sua autobiografia, que a Revolução de Vargas ficou muito aquém da expectativa dos jovens idealistas como ele. Ingenuamente, julgavam a tomada de poder como se ela fosse acabar com as mazelas da corrupção política e administrativa as quais acreditavam estarem presentes no regime da Primeira República. Enganaram-se, na prática, conforme a historiadora Sampaio (1992), a Revolução de 1930 não significou uma separação das tradições dessa velha ordem oligárquica.

Mesmo com esse sentimento, Catunda, reconheceu que a Revolução de 1930 teve aspectos, para ele, positivos conforme a sua concepção de como deveria acontecer o desenvolvimento do Brasil. Na sua retrospectiva:

O novo regime instalado incentivou a indústria, fazendo o Brasil dar um vigoroso passo à frente, rompendo a liderança tradicional dos coronéis e chefes políticos do Partido Republicano, sob cuja tutela a nossa economia estava baseada na exportação de produtos primários – café, borracha, cacau, açúcar, minérios, etc., o que permitia a uma pequena minoria usufruir dos prazeres da alta cultura, das viagens, da importação de artigos de luxo, enquanto a grande massa vegetava na ignorância e na miséria (CATUNDA, *Memória autobiográfica*, [197-?], p. 18-19).

No entanto, seguindo a sua linha de raciocínio, Catunda afirmou que a Revolução de 1930 — embora reconhecesse que para as limitações da época fosse compreensível — “[...] cometeu uma falta imperdoável [...]” (CATUNDA, *Memória autobiográfica*, [197-?], p. 22). Desde a tomada de poder, o novo governo e mesmo a parte chamada por ele de “mais sã” do regime deposto, não contou com uma intelectualidade capaz de fazer mudanças profundas e necessárias na política e na administração do Brasil. Essa realidade, nas lembranças de Catunda, provocou num dos principais articuladores da Revolução e amigo de Getúlio Vargas, Oswaldo Euclides de Souza Aranha (1884-1960), a seguinte frase: “O Brasil é um

deserto de homens e de ideias” ([193-?] apud CATUNDA, *Memória autobiográfica*, [197-?], p. 22). Essa frase foi totalmente compartilhada por Catunda, que a ratificou ao escrever suas lembranças:

[...] no momento da vitória da revolução de 30, a frase de Oswaldo Aranha retratava bem o vazio cultural de nossa terra. É verdade que já naquela época existiam homens de grande cultura e mesmo de grande destaque em campos especializados, como nas letras, nas artes e nas ciências; mas eram valores individuais e o que era necessário para consolidar a mudança de estrutura na vida do país era a presença de um meio de alta cultura, de uma intelectualidade (a “intelligentsia”) de onde emergissem os homens e as ideias de que a nação carecia (CATUNDA, *Memória autobiográfica*, [197-?], p. 22).

Catunda não negou, em um artigo publicado em 1977, que o povo brasileiro, proveniente do “[...] calçamento [sic] de várias nacionalidades, com uma sedimentação de vários séculos [...]” (CATUNDA, 1977, p. 6), possuía uma cultura local riquíssima e de *grande profundidade*, revelada em todas as genuínas manifestações desse povo: língua, sotaque, gostos, costumes, regras de moralidade, lendas, cantigas, danças, poesias populares, medicina caseira e culinária. Uma cultura que foi descrita por ele da seguinte maneira:

[...] Toda coletividade que tem um passado, e portanto uma história, desenvolve entre os seus componentes, pelos diversos meios de comunicação, pela educação no seio das famílias e pelo ensino organizado, um conjunto de idéias, hábitos e conhecimentos ligados a essa história, transmitidos e enriquecidos de geração em geração e sedimentados pelo tempo. É esse conjunto que se chama a “cultura” dessa coletividade [...] (CATUNDA, 1977, p. 5-6, *grifo do autor*).

Todavia, para Catunda, a simples presença dessa cultura não era suficiente para construir uma nação capaz de defender a sua soberania. Era necessário “adquirir” a cultura greco-romana, afirmada por ele como sendo base do que passou a ser chamada, até aquele presente momento

(1977), de “civilização” ou “civilização ocidental”. Essa cultura, de acordo com Omar Catunda, foi “[...] baseada na livre discussão dos princípios filosóficos e no livre desenvolvimento da Ciência, como o instrumento fundamental para o conhecimento da Natureza e o conseqüente domínio do Homem sobre ela.” (1977, p. 7). Portanto, na sua ótica, possuía todos os elementos necessários para sobressair sobre a cultura local existente em cada região, na medida em que a cultura greco-romana, além de abrir “[...] os espíritos para compreender o mundo com clareza, permite também sentir e apreciar todo o valor humano de cada uma das culturas locais” (CATUNDA, 1977, p. 7).

Dessa forma, Catunda afirmou que um país, ao desejar progredir, a exemplo do Brasil, com independência, tinha diante de si três alternativas:

- a) aceitar o alinhamento com um dos setores em que se divide o mundo civilizado, permanecendo em posição de dependência, com inevitáveis prejuízos econômicos e atraso intelectual;
- b) aproveitar-se das divergências entre as grandes potências para impor as suas condições e enriquecer materialmente;
- c) adquirir também essa cultura ocidental, único instrumento seguro para obter completa independência e alcançar o progresso tanto material como espiritual (CATUNDA, 1977, p. 9).

Sob essa análise, o amadurecido Catunda (1977) afirmou nesse seu artigo que o Brasil, em pleno final da década de 1970, não tinha escolhido a última alternativa, para ele, a opção mais lógica. Isto porque não havia compreendido ainda que a formação das elites — pessoas destinadas aos cargos de direção ou assessoria, os cientistas, professores, médicos, juristas, escritores, artistas — somente se produziria no ensino superior, nas universidades, o principal *locus* de impulsão para preservar e promover o progresso do país.

Apesar do reconhecimento, pelo menos desde a sua aula inaugural de 1945 na FFCL, que a cultura ocidental não resolveria todos os males da nação, Catunda (1945) não deixou de defender que somente por um meio cultural muito desenvolvido, o Brasil poderia selecionar homens

comprovadamente competentes para assumir, independente do regime vigente, altos cargos do governo. Sintetizou:

Nenhum govêrno [sic] pode funcionar a contento se as finanças do país não forem dirigidas por economistas competentes, se o seu corpo diplomático não fôr constituído por diplomatas no mais alto sentido da palavra, se não tiver um ministro da Justiça com profundos conhecimentos de Direito. E a minha maior esperança em um futuro talvez remoto, é que a orientação geral do ensino em nossa terra seja confiada a pessoas que efetivamente conheçam os problemas da educação, que compreendam a importância da Universidade na vida do país e que se tenham capacitado na inutilidade das grandes reformas planejadas e das portarias contraditórias [...] (CATUNDA, 1945, p. 123).

Assim, sentenciou categoricamente em sua autobiografia, que essa “alta” cultura, reivindicada na célebre frase de Oswaldo Aranha na década de 1930, só existia entre aqueles poucos intelectuais os quais podiam, com certa frequência, ir à Europa e aos Estados Unidos, para se impregnarem da atmosfera cultural existente nesses países de vanguarda. A cultura desses países — para ele, civilizados — era produzida, principalmente, por meio do ensino superior. Esse ensino deveria ser mantido por uma instituição *viva*, constituída por homens que fossem comprometidos não só com a transmissão dos seus conhecimentos, mas também com pesquisas, estabelecendo um ambiente de debates que proporcionasse uma efervescência de novos conhecimentos capazes do enriquecimento do homem em relação a si mesmo e à natureza, os quais deveriam ser extravasados ao meio circundante para construir, ao longo do tempo, a “alta” cultura. Uma realidade, conforme as lembranças de Catunda, não vivida no Brasil de 1930, salvo por algumas exceções, a exemplo das letras e das artes.

O ensino durante o primeiro governo de Vargas (1930-1945)

Catunda sustentou que o governo de Vargas não ousou intervir no ensino superior, constituído pelas “vetustas” escolas profissionais, em

respeito aos “mitos dominantes” (*Memória autobiográfica*, [197-?], p. 25). Para ele, tal iniciativa veio somente por meio do Governador Armando Sales Oliveira (1887-1945) ao criar a USP, com a sua FFCL, em 1934.

Contudo, o Brasil estava sob o poder de um regime político altamente centralizador e autoritário, muitas vezes comparado, devido às suas ações repressivas e ditatoriais, a um autêntico representante do caudilhismo da América espanhola, uma área estranha ao Brasil monárquico e aristocrático agrário da época da colonização portuguesa, da mistura, enfim, da mestiçagem. Um Brasil que só conheceu, segundo (FREYRE, 2001, p. 115), “[...] o caudilhismo depois da República de 1889 [...]”. Assim, escreveu:

[...] no Brasil nem o sistema de plantação nem o sistema monárquico se fecharam duramente à democracia social ou à igualdade política. A atual tendência anti-democrática na política brasileira significa, como sistematização de idéias fascistas ou quase fascistas, fato novo e contrário não somente aos pendores republicanos mas às próprias tradições desenvolvidas à sombra da monarquia e do velho sistema rural do Brasil (FREYRE, 2001, p. 115).

Dessa forma, considero pouco provável que o sonho de concretizar uma nova estruturação para o ensino superior, ou para qualquer outro nível de ensino, não tivesse contado com a benevolência do Governo Federal, visto que a própria USP e a sua FFCL foi criada sob a vigência do Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931 (BRASIL, 1931), sancionado pelo governo Vargas, o qual dispôs o estatuto para organização do ensino superior.

De outra parte, Catunda, nas suas recordações, enfatizou que o governo de Vargas se voltou para a criação de inúmeros ginásios oficiais sem a devida qualificação desse ensino, contrariamente a defesa de Catunda. Isso aconteceu, na ótica do amadurecido Catunda, porque o governo de Vargas buscou meramente atender às exigências da era industrial, algo que não poderia ser feito caso o país mantivesse o alto índice de analfabetismo — cerca de oitenta por cento — e cursos secundários desfrutados por uma pequena minoria. Tal atitude, fruto da ausência de um *substrato cultural*

das autoridades que detinham o poder, gerou a política do “faz de conta”, da aprovação por decreto, transformando em calamidade pública, em efeito cascata, o ensino secundário⁸, depois o primário e, por fim, o ensino superior (CATUNDA, *Memória autobiográfica*, [197-?], p. 25).

Catunda apontou outro fator que, para ele, também contribuiu para acentuar a decadência do ensino após a Revolução de 1930. Sem detalhar, ele afirmou a existência, ainda na década anterior, 1920, de iniciativas criadas por alguns pensadores e educadores⁹, como os baianos Isaias Alves de Almeida (1888-1968) e Anísio Teixeira, e o paulista Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), que introduziram críticas, novas ideias sobre a pedagogia e os processos didáticos acerca do ensino brasileiro vigente (*Memória autobiográfica*, [197-?]). Contudo, ponderou essas iniciativas como não amplamente debatidas por terem caído em um ambiente desprovido de “alta” cultura. Assim, enfatizou:

Lamentavelmente, as novas ideias não caíram em solo tão fértil. Os benefícios dessa agitação renovadora do ensino limitaram-se aos frutos do trabalho direto dos pioneiros, produzindo obra meritória, principalmente na Bahia, berço natal de Isaias Alves e Anílio [sic] Teixeira. Mas esses pioneiros tiveram poucos continuadores de real valor. Em seu lugar, proliferaram autores de artigos e livros em que repisavam as críticas fáceis [sic] ao que existia de errado, aventando soluções improvisadas para novos métodos de ensino. (CATUNDA, *Memória autobiográfica*, [197-?], p. 27).

Com esse discurso, o velho Catunda não só manifestava o seu desapontamento com as orientações educacionais do governo de Vargas, mas, principalmente, explicitava o seu posicionamento sobre a

⁸ O Ensino Secundário compreendia as quatro séries do Ginásio e as três séries do Colegial.

⁹ Anísio Teixeira e Lourenço Filho foram alguns dos 26 educadores que participaram do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* publicado em 1932. Oriundo de um movimento de renovação educacional iniciado na década de 1920, sob a liderança de Fernando de Azevedo (1894-1974), o *Manifesto* defendia, de modo geral, uma escola pública, laica, gratuita e obrigatória. Mais informações, veja: (ROMANELLI, 2001; VIDAL, 2013).

necessidade de reestruturação, em primeiro plano, da educação superior para se alcançar o desenvolvimento cultural do povo brasileiro.

Assim, imbuído de suas convicções, Omar Catunda, ao longo de sua carreira universitária na USP, realizou ações para intervir também no ensino escolar brasileiro, em especial no ensino de matemática. Tal fato aconteceu, por exemplo, quando se propôs a participar do I Congresso Nacional de Ensino de Matemática no Curso Secundário realizado em Salvador no ano de 1955, para discutir problemas relacionados ao ensino de matemática nesse curso.

Omar Catunda na Bahia

A relação de Omar Catunda no meio baiano¹⁰ começou a ser delineada em 1955, nesse referido Congresso, idealizado por Martha Maria de Souza Dantas (1925-2011), professora de Didática Especial da Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (FF).

Após essa primeira experiência, Omar Catunda manteve o intercâmbio com as professoras de matemática da Bahia, que resultou na sua transferência definitiva para esse estado em 13 de janeiro de 1963, para assumir imediatamente a chefia do departamento de matemática do recém-criado Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia¹¹ (IMF) e, posteriormente, ainda nesse mesmo ano, a direção desse instituto.

Passado o entusiasmo com a receptividade do meio acadêmico baiano, Catunda não demorou muito para vivenciar os comentários pouco amistosos feitos ao IMF por alguns autênticos, por assim dizer, representantes baianos do ensino superior que, para o já amadurecido Catunda (1996), davam uma boa ideia do atraso do meio acadêmico instaurado na Bahia e, por consequência da ciência, em particular, da Matemática.

¹⁰ Mais detalhes, veja: (DIAS, 2002; FREIRE; LANDO; LIMA, 2010).

¹¹ A partir de 1965 a UBa passou a ser Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, a partir de 1968, com a reforma universitária, o IMF se dividiu nos atuais Instituto de Física e Instituto de Matemática da UFBA.

A tese de atraso do meio acadêmico baiano, defendida por Catunda, é análoga a um tipo de historiografia a qual coloca a Bahia como um Estado atrasado, ou seja, como um Estado que não acompanhou, influenciou e interferiu nos movimentos sociais e políticos ocorridos no Brasil após a queda do Império em 1889, tal como a recusa da maioria de seus representantes, participantes da política oligárquica, em aderir à causa da Revolução de 1930 (SAMPAIO, 1992). Nessa historiografia, em especial, há o destaque das ações dos políticos baianos no cenário nacional para recuperar o prestígio perdido da época do Império. Todavia, tendo essa mesma historiografia como parâmetro, é possível fazer outra interpretação. Houve a presença de uma cúpula de políticos baianos, no período pós Império, exercendo cargos de alto escalão no Governo Federal. Este foi o caso, por exemplo, de José Joaquim Seabra (1855-1942), que assumiu o Ministério da Viação e Obras Públicas durante a Primeira República presidida pelo Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (1825-1923) (TAVARES, 2001). Esse contexto não parece retratar uma conjuntura de um Estado que perdeu de fato a sua influência política. Parece ser relevante levar em consideração que a maioria dos políticos baianos ao defender a ordem do regime da República, buscava, numa primeira instância, a permanência de um regime que conheciam, e por outro, assegurar seu lugar de destaque, com as suas redes de articulações para continuar influenciando nos rumos da política brasileira.

Dessa forma, aparentemente, o que realmente prevaleceu entre os catedráticos da Escola Politécnica da Bahia (EP) e (FF), foi o fato de Omar Catunda, um “estrangeiro” ou “não baiano”, viera a ocupar um espaço acadêmico considerado legitimamente pertencente aos catedráticos baianos (DIAS, 2002), numa situação que, de certa forma, reproduzia, tempo depois, o acontecido no quadro político baiano no ano de 1931. Vargas nomeou como interventor desse Estado o tenente cearense Juracy Montenegro Magalhães (1905-2001), que nessa época com apenas 26 anos de idade e sem vivência política, teve que governar sob a resistência dos principais líderes políticos baianos representados por J.J. Seabra, Pedro Lago (1870-1958) e Otávio Mangabeira (1886-1960) (SAMPAIO,

1992). A vinda de um *forasteiro* para governar a Bahia, vista como *Atenas*, foi um golpe, um insulto às suas tradições políticas e culturais (FREYRE, 1990; SAMPAIO, 1992).

Mas, apesar das dificuldades encontradas e às vezes provocadas por ele próprio no meio acadêmico baiano, Catunda produziu algumas ações importantes. Uma delas foi a liderança, juntamente com Martha Dantas, de um trabalho pioneiro com objetivo de reformulação do ensino secundário de matemática desenvolvido na Seção Científica de Matemática do Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA), no decorrer das décadas de 1960 e 1970¹², se tornando um dos precursores da educação matemática brasileira. (DIAS, 2002). Em suma, Catunda, já na maturidade e vivendo outro período político e social, continuava convicto de que somente com um ensino de qualidade, em particular do superior, seria possível elevar o nível cultural da população brasileira.

Considerações finais

Catunda, homem de reconhecida inteligência e cultura, patriota confesso e de personalidade humanista, características equiparáveis a um “Dom Quixote dos trópicos”, se manteve devotado, ao longo de toda a sua vida profissional e pessoal, à sua ideologia. Na maturidade, continuava a afirmar que a vida social e política brasileira permanecia triste e deprimidamente por causa do “baixo” nível cultural, que assolava os quatro cantos do território brasileiro, manifesto nos mais diversos setores, tais como na política e na ciência. Insistia que tal realidade era decorrente de um sistema educacional precário, em especial, o ensino superior, inviabilizando a formação de um grande contingente de cientistas capazes de resolver os mais altos problemas do Brasil como a seca do nordeste e a preservação do espaço físico da região amazônica (CATUNDA, 1972), na medida em que não eram priorizadas, com raras exceções, as atividades de pesquisas e o

¹² Uma análise mais abrangente pode ser consultada no seguinte trabalho: (FREIRE; DIAS, 2010).

intercâmbio com a comunidade científica internacional. Assim, contrariamente ao que poderia ser indicado, não foi um arroubo de juventude, nem tão pouco foi uma ideologia restrita a discursos teóricos produzidos sob a tutela dos gabinetes acadêmicos.

Assim, é plausível concluir que Catunda manteve-se discricionariamente fiel à sua ideologia até os últimos dias de sua vida e buscou materializá-la sem concessões. Fechado com suas convicções, com seu próprio esquema do que seria uma “alta” cultura, bem como uma educação de “qualidade” e não sabendo lidar com o “jogo” político da época, foi pouco diplomático. Ingenuamente não percebeu que não se tratava de uma questão conceitual, mas pragmática de assegurar, sobre quaisquer outras circunstâncias, o poder conquistado, seja ele político ou científico-acadêmico. Em suma, Omar Catunda buscou semear a “alta” cultura por meio da educação, mas, ao beber de uma cultura estrangeira, foi “estranheiro” em seu próprio país.

Referências

BRASIL. Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931. *Estatuto das Universidades Brasileiras*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 27 jun. 2014.

CATUNDA, O. A posição da matemática na cultura geral. Aula inaugural. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.

CATUNDA, O. Suicídio cultural. *A Tarde*. Salvador, 13 jan. 1972.

CATUNDA, O. *Sobre Cultura e universidades*. (Escrito Original), p. 1-13, 1977.

CATUNDA, O. *Memória autobiográfica*. Trabalho não publicado, [197-?].

CATUNDA, O. Vento Noroeste. In: *Memória autobiográfica*. Trabalho não publicado, [197-?].

CATUNDA, O. Interlúdio II. In: *Memória autobiográfica*. Trabalho não publicado, [197-?].

CATUNDA, O. Discurso de formatura. In: *Memória autobiográfica*. Trabalho não publicado, [197-?].

CATUNDA, O. Depoimento. In: *Cadernos do IFUFBA*, v. 8, ano 11, n. 1-2, p. 93-105, 1996.

DIAS, A. L. M. *Engenheiros, mulheres, matemáticos*: Interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia, 1896-1968. 2002. 320 f. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH, USP, São Paulo, 2002.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996.

FAUSTO, B. (Org.). *História geral da civilização brasileira*. Tomo III, v. 2: o Brasil Republicano/Sociedade e instituições (1889-1930). 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1997.

FREIRE, I. A. A.; DIAS, A. L. M. Seção Científica de Matemática do CECIBA: propostas e atividades para renovação do ensino secundário de matemática (1965-1969). *Bolema*: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, v. 23, n. 35B, p. 363-386, abr. 2010.

FREIRE, I. A. R. A.; LANDO, J. C.; LIMA, E. B. Duas mulheres e uma trajetória: o processo de profissionalização docente e o ensino de matemática na Bahia (1948-1964). In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, ago. 2010, São Luís. *Anais...* São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2010.

FREYRE, G. *Bahia e Baianos*, Salvador: Fundação das Artes; EGBA, 1990.

FREYRE, G. *Interpretação do Brasil*. Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GREJO, C. B. *Carlos Octavo Bunge e José Ingenieros entre o científico e o político*: pensamento racial e identidade nacional na Argentina (1880-1920). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/s59t6/pdf/grejo-9788598605982.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

LIMA, E. B. *Dos infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda na modernização da análise moderna no Brasil*. 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) — IF, UFBA/UEFS, Salvador, 2006.

PALLARES-BURKE, M. L. G. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.

ROMANELLI, O. O. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAMPAIO, C. N. *Poder e Representação. O Legislativo da Bahia na Segunda Republica, 1930-1937*. Salvador: Assembléia Legislativa da Bahia, 1992.

TAVARES, L. H. D. *História da Bahia*. São Paulo: UNESP; Salvador: Edufba, 2001.

VIDAL, D. G. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/aop1177.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

Recebido: 15/12/2015

Received: 12/15/2015

Aprovado: 16/02/2016

Approved: 02/16/2016